

Disciplina: Projeto de Tese II

Projeto: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM UMA SALA DE AULA MEDIADA POR UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Doutorando: Antônio Luiz Mattos de Souza Cardoso

Orientadora: Prof^a. Teresinha Fróes Burnham

parecerista: Doriedson Alves de Almeida

Ao ler o projeto de tese de Antonio optei por não abordar questões formais e/ou metodológicas. Estou ainda envolvido com tais questões em meu projeto, por isso, penso que outros colegas, os professores e a orientadora o farão com maior propriedade e competência.

Abordarei algumas questões conceituais e de conteúdo. As observações aqui encontradas resultam de leituras e debates sobre o tema realizados no GEC/FACED, grupo de pesquisa ao qual estou vinculado.

No título, destaco o o vocábulo “mediação”. Este termo é objeto de debates internos no GEC que prefere não utilizá-lo nesse contexto por entender que o mesmo é tomado emprestado da comunicação e utilizado para justificar algumas práticas em relação às TIC no universo escolar. O emprego do termo às vezes ocorre sem a devida contextualização e pertinência, daí remete à algumas questões. nesse caso específico elencarei algumas: Quem media? seria o professor? o tutor? o aluno? o AVA, a Sala? ou um universo mais amplo no qual se inserem as TIC? Não tenho a resposta.

Ao discutirmos uma tese recém defendida na Unicamp sobre “inclusão digital” o termo mediação é explicado por Mazarella apud Buzatto(2007) como *“o nome que podemos dar aos processos pelos quais uma dada ordem social [social dispensation] produz e reproduz a si mesma em e através de um conjunto particular de meios.*

Ou seja, se partirmos do contexto apontado acima o vocábulo mediação não seria tão apropriado, pois no projeto de tese em questão ele delega apenas a um determinado ambiente a função mediadora, ação que parece-me ser mais ampla e portanto mais adequada a contextos comunicacionais.

Antes mesmo de visitar o ambiente em <http://www.hospitaleducacional.com.br>, ao ler o texto do projeto refleti sobre algumas questões:

- Porque esse nome tão sugestivo? seria uma metáfora sobre a penúria do ensino público no Brasil?
- Seria um reconhecimento tácito de que a acadêmia estaria doente?
- Seria uma tentativa de trazer para os ambientes on-line a eficiência de algumas intervenções cirúrgicas?

Não consegui respostas. Mas, cheguei a seguinte analogia, se o ambiente é uma metáfora de hospital, então teríamos:

o Gestor: Administrador Geral do hospital

Os tutores: médicos

Os voluntários: médicos residentes

Os plantonistas: enfermeiras e corpo administrativo

Os pacientes: os alunos

Ao visitar o ambiente percebi que minha analogia estava correta, pois todas as metáforas que imaginei, além de outras, estavam lá.

Assim, a partir dessa analogia e seguindo essa lógica hospitalar chegaríamos então à conclusão que os AVAS seriam tomados pela EAD como “grandes hospitais virtuais” para curar milhares de alunos enfermos, isso, se considerarmos os alunos que já passaram pela peneira do vestibular.

Se de outra forma, estedemos nosso olhar para os grandes projetos de ensino a distância como a UAB¹, tais ambientes seriam “mega hospitais”, atenderiam os doentes já em estado terminal, que por falta de um canudo ou por motivos outros já nem respiram mais, nesse mundo competitivo das corporações.

Mas, deixemos os devaneios e voltemos ao texto do projeto.

Não identifiquei teorias curriculares que deem conta das interações, interatividades que tais ambientes suscitam. Embora no projeto exista conceitos de aprendizagem cooperativa/colaborativa e o autor referencia suas afirmações em alguns estudiosos do tema, estes não abordam a temática curricular.

Sabemos da complexidade aí envolvida, e, da existência de teorias curriculares tomadas para dar conta da complexidade nesse campo do conhecimento, como por ex. as teorizações sobre currículos em rede, rizomas, e currículos hipertextuais.

Dois conceitos que também devem ser aprofundados pois podem contribuir, são os de interação e interatividade, entretanto é preciso cuidado ao empregá-los, pois muitas vezes são tomados de forma descontextualizada, e não é raro nos ambientes on-line concebidos para EAD ausências de níveis de interatividade mais sofisticados, fato que dificulta a interação.

Além disso, nesse contexto, a interatividade não resulta tão somente das concepções e desenhos das IHCs², mas também de fatores subjetivos, que o avanço técnico e as facilidades permitidas pelos ambientes mais intuitivos não são capazes de dar conta, se tomados de forma isolada.

Na página 3, quando o autor afirma empregar programações técnicas a partir de conceitos de IA (Inteligência artificial) para simular um tutor humano, embora reconheça os esforços da engenharia de software nesse sentido. Penso que estamos longe de utilizar IA na construção de tutores inteligentes o bastante para dar conta de aspectos regionais e de suas especificidades complexas, com as quais tutores humanos deparam em seu cotidiano.

Além disso algumas reflexões sobre o conceito/função da tutoria em processos de EAD mediados por computador são conflituosos e em alguns casos

1 Universidade Aberta do Brasil

2 Interfaces Homem Computadores

fortemente criticados por autores que vem nessa figura uma tentativa reducionista de desvalorização da condição docente Couto e Bonilla (2007).

Talvez, para a proposta do ambiente seria mais apropriado o conceito de Data Mining (mineração de dados), já que este não está destinado para processos de educação on-line, sendo apenas concebido como um AVA para usar a internet no apoio de alunos matriculados em cursos presenciais.

Nesse cenário, penso que a técnica e a engenharia de software até nos permita tal avanço, entretanto, dada sua complexidade talvez devamos refletir mais sobre a temática, pois em última análise os conteúdos deverão ser ministrados e avaliados, seja por um professor ou tutor, e se os tutores inteligentes deveriam estar preparados para tais funções.

Os cenários são diferentes: numa sala com 20 alunos presenciais temos um contexto. Numa rede para um universo infinitamente maior, utilizando uma lógica que chamo de “educação broading-casting”³ para formação e distribuição de diplomas numa espécie de “fordismo tardio”, não mais para fabricar carros e sim para formar professores, advogados, contadores, médicos, etc. as implicações são outras, e penso devem ser refletidas, pois uma vez na internet, essa possibilidade está colocada para o ambiente, assim, ficam as questões: conseguiríamos? teríamos vagas para todos os formados num mercado de trabalho já acometido de mal crônico? ou criaríamos o desempregado virtual?

Outro vocábulo ao qual me detive no texto foi “captura(r)ado” páginas 4, 8, 12, 24, que remeteram-me a questões como:

- Seria possível tal captura? Se sim, Como se daria?
- A que propósitos serviriam tal captura? Apenas à replicação nos próximos semestres?
- Como se daria a difusão e renovação dos conhecimentos capturados por meio dos AVAs criados para tal?
- Capturar não iria de encontro à proposta de difusão implícita nesses ambientes, por trazer consigo um certo ar hermético?

Nos wikis⁴ (ex. www.wikipedia.org.br) ocorrem de fato uma produção colaborativa, mas conceitos como “captura(r)ado” parecem pouco adequados, pela forma como se dá a produção, disponibilização e acesso aos conteúdos nesses ambientes, que a meu ver requerem uma certa familiaridade com os mesmos e uma consequente autonomia para tal.

No caso da wikipedia. por exemplo, existe o processo de wikipedificação (onde um conteúdo só é disponibilizado no ambiente após passar pela avaliação de pessoas credenciadas pelo ambiente para tal função).

Na introdução do trabalho, são apresentados dados e táticas utilizadas para a atração de usuários para o ambiente, não sei se seria esse o espaço para reflexões acerca de interações e para a análise de dados a partir dos acessos ao mesmo.

3 Processo de comunicação um para muitos

4 software colaborativo que permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação.

Em seus objetivos/perguntas de pesquisa (páginas 18 e 19) não parece haver conexão com sua questão principal de pesquisa apontada na página 17 que fala em verificar a efetividade de um dado ambiente para a construção e difusão do conhecimento, mas, ao construir os objetivos específicos percebi uma preocupação muito grande com as funcionalidades do ambiente, ignorando outros aspectos aí implicados. Mesmo nos dois últimos objetivos que falam de professores e alunos, parece-me que a abordagem é numa perspectiva de “atraí-los ao ambiente” e não de verificar outros aspectos e/ou perguntas de pesquisa. a meu ver importantes numa pesquisa nesse campo.

Outrossim, os desafios implicados em planejar/criar e difundir processos educacionais em ambientes on-line de aprendizagem (AVAS) são imensos. Ambientes já consolidados e utilizados em maior escala como: moodle; e-proinfo, teleduc, etc. são objeto de reflexões, pesquisas e evoluções constantes, e, partem agora para universos tridimensionais, nos moldes do secondlife, ambiente tridimensional de interações on-line que inclusive já é utilizado para cursos e formações on-line por empresas e universidades.

Dessa forma, estudos nesse campo são sempre desafiadores e bem vindos numa busca por compreendermos toda complexidade envolvida.

É o parecer.

Doriedson Alves de Almeida
cidade do Salvador, inverno de 2007